



O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 7612 | Salvador, quarta-feira, 23.01.2019

Presidente Augusto Vasconcelos



SAÚDE

Morrendo à míngua



A saúde pública está esquecida nas macas, em corredores de hospitais, e deve piorar muito ...

Prestes a completar um mês, o governo Bolsonaro, pelo menos para o povo, só tem gerado notícia ruim. Redução do salário mínimo, fim da Justiça do Trabalho, ameaça de extinção das férias, 13º salário e da aposentadoria. A saúde pública, por exemplo, está um caos. Piorou drasticamente com a paralisação do Mais Médico. O SUS está morrendo à míngua.

Página 2



... mais, diante das medidas anunciadas pelo governo Bolsonaro. Pobre não pode nem adoecer

O drama da Caixa exige o esforço de toda a sociedade

Página 3



Com febre de 40°

Passados mais de 20 dias, governo nada propõe para o bem estar da população

ILANA PÊPE
imprensa@bancariosbahia.org.br

O GOVERNO Bolsonaro não tem compromisso nenhum com as questões relacionadas à saúde do brasileiros. Em pouco mais de 20 dias, o cidadão já viu decreto para liberar posse de armas, autorização para invadir terra indígena, redução do salário mínimo, extinção do Ministério do Trabalho, ameaças à aposentadoria, mas nenhuma medida para melhorar a saúde.

Valorizar o SUS é essencial para a população, sobretudo a mais carente. Sem o Sistema Único de Saúde, por exemplo, não existiria SAMU, criado pelo governo Lula em 2003, transplantes, vacinas, nem bancos de sangue. As necessidades prioritárias do Brasil estão sendo negligenciadas. Saúde, educação e trabalho não receberam nenhum sinal de avanço, apenas retrocesso.

Inclusive, vale lembrar da crise gerada no Mais Médicos com a saída dos pro-

fissionais cubanos do programa. O problema aconteceu depois das declarações ofensivas do presidente Jair Bolsonaro. Agora, milhares de pessoas estão sem assistência à saúde, uma vez que as vagas abertas ainda não foram preenchidas por médicos brasileiros.

Tem mais. O desmonte do SUS aumenta a mortalidade infantil e doenças antes controladas por vacinas ressurgirão. Um efeito dominó que dificilmente será controlado se a saúde não tiver investimento.



No Brasil, direitos e democracia sob ameaça

Defesa dos direitos é pauta de plenária dia 20 de fevereiro

PARA firmar uma agenda de ação em prol dos trabalhadores, CTB, demais centrais sindicais, Dieese, sindicatos e federações definirão uma pauta em defesa da aposentadoria digna, dos direitos, valorização do salário.

No dia 20 de fevereiro, acontece uma Plenária Unitária das Centrais em Defesa da Previdência e contra o fim da aposentadoria. O Fórum das Centrais inicia o ano com unidade e iniciativa para organizar a resistência pelos direitos.

Durante a reunião, os dirigentes reafirmaram posição contrária a qualquer proposta de reforma que fragilize, desmonte ou reduza o papel da Previdência Social Pública. É preciso construir uma mobilização, para decidir as formas de luta e paralisações para enfrentar as propostas de desmonte dos direitos proposto pelo governo.



Liberção das armas é péssimo para as mulheres

Posse de armas põe em risco vida das mulheres

OS CASOS de violência doméstica tendem aumentar com a posse de armas, liberada pelo presidente Jair Bolsonaro. Levantamento feito pelo jornal O Estado de S.Paulo, com base em dados do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade), do Ministério da Saúde, aponta que o número de mulheres mortas a tiros em casa é quase três vezes maior do que o de homens.

Dos 46.881 homens vitimados por armas de fogo em 2017, último dado disponível no sistema, 10,6% morreram em casa. No caso delas, foram 2.796 mortes e 25% nos domicílios. Outra pesquisa da Universidade do Ceará revela que 3 mulheres em cada 10 passaram por, pelo menos, uma situação de violência doméstica na vida.

Mesmo com avanço na lei que protege as vítimas de violência doméstica, muitas mulheres têm medo de denunciar. De acordo com o Instituto Maria da Penha, o receio já era comum, mas agora será agravado pela possível letalidade da violência, em decorrência da facilidade em ter uma arma de fogo em casa.

Pelo decreto, a pessoa pode ter até quatro armas na residência, e não precisa apresentar justificativas para tê-las. Segundo o Mapa da Violência de 2016, o plano do desarmamento no ano de 2004 anulou a tendência de crescimento anual de 7,2% pré-existente.



TÁ NA REDE



Debate hoje sobre Cassi

AS DISCUSSÕES sobre a sustentabilidade da Cassi serão retomadas hoje, em Brasília. Os funcionários do BB consideram essencial a retomada do contato da Cassi com as entidades representativas e da mesa de negociação com o BB. Fundamental que seja apresentada proposta que atenda os interesses dos associados e sustentabilidade da Caixa de Assistência.

Em novembro, o regulamento do plano de associados foi alterado pela diretoria e pelo Conselho Deliberativo da Cassi, com objetivo de aumentar a coparticipação em consultas de 30% para 40% e em serviços de diagnóstico e de 10% para 20% em terapia. Com a mudança, a direção da Caixa de Assistência quer arrecadar R\$ 84 milhões dos associados, enquanto o Banco do Brasil não vai arcar com nada.

Contratar não garante ampliação do quadro

Banco insiste em mais um PDV para este ano. Péssimo

REDAÇÃO
imprensa@bancariosbahia.org.br

PARECE que, enfim, a Caixa vai convocar uma parte dos aprovados no concurso público de 2014. Informalmente, Pedro Guimarães afirmou que vai contratar 2.500 empregados.

A medida é positiva, mas, se confirmada, o número é insuficiente para atender a demanda nas agências. O banco tem mais

de 86 milhões de clientes e cerca de 85 mil bancários, ou seja, um empregado é responsável por 1.012 pessoas. A conta realmente não bate.

Outro dado que merece atenção é que menos 10% dos 30 mil aprovados foram convocados pelo banco. O desrespeito fez o Ministério Público no Distrito Federal e em Tocantins ingressar com uma ação civil pública cobrando a convocação.

Não é só isso. A Caixa também descumprir o Acordo Coletivo de 2014, quando assegurou a contratação de 2 mil empregados. Se cumprisse, o quadro de

pessoal sairia de 101 mil para 103 mil. Mas o empresa fez o inverso e depois de diversos planos de desligamento voluntário, reduziu para cerca de 85 mil, agravando o cenário caótico nas agências e departamentos.

Outras medidas

Embora cogite contratar parte dos aprovados, a direção da empresa também estuda novos PDVs. Não para por aí. Quer entregar ao setor privado áreas como cartões, seguros, assets, loterias e a gestão do FGTS. Prova de que o governo não está preocupado com os interesses do país.

FOTOS: JOÃO UBALDO



Redução do quadro de pessoal da Caixa aumenta o tempo de espera dos clientes e sobrecarrega os empregados

Segundo turno do Caref do BB, sexta

TEM início sexta-feira, o segundo turno da eleição que vai escolher o representante dos funcionários no Caref (Conselho de Administração) do Banco do Brasil. Débora Fonseca

tem o apoio do Sindicato da Bahia por possuir propostas para o fortalecimento da instituição.

O pleito do Caref se encerra no dia 31 e apenas funcionários da ativa do BB podem

votar através do SISBB. O mandato é de 2019 a 2021. Se eleita, Débora Fonseca vai lutar pelo caráter social da instituição. A candidata quer fortalecer o BB como o banco da agricultura familiar e do agronegócio, das pequenas e médias empresas, ponta da economia, da moradia e da infraestrutura, dos clientes de todos os segmentos sociais.

Primeira reunião com banco dia 31

A PRIMEIRA reunião da CEE (Comissão Executiva dos Empregados) da Caixa será no próximo dia 31, às 9h, em Brasília. As políticas de desmonte colocadas em curso antes mesmo do início do governo Bolsonaro estão na pauta.

As previsões não são nada boas, principalmente com o especialista em privatizações, Pedro Guimarães, à frente da instituição. Fatiamento da empresa, com abertura de capital das operações de Cartões, Loterias, Asset e Seguros e elevação dos juros da habitação para classe média são os primeiros passos para destruir a estrutura social da Caixa.

O planejamento da mobilização dos empregados para os próximos meses também será debatido no encontro do dia 31.

PARA O CAREF
DÉBORA FONSECA
VOTE F2331616

A VOZ DOS
FUNCIONÁRIOS E FUNCIONARIAS NO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



No Brasil, pobreza tem aumentado com a extinção das políticas públicas

Concentração de renda volta a crescer muito

Só cinco bilionários detêm a renda de 50% da população

REDAÇÃO
imprensa@bancariosbahia.org.br

A POLÍTICA de austeridade fiscal aumenta a desigualdade social. Basta ter um olhar sensível e observar ao redor para verificar o crescimento da miséria no país. Os dados também mostram um cenário desolador.

Dos 207 milhões de habitantes do Brasil, apenas 42 eram bilionários no ano passado. A fortuna acumulada dessa seleta parcela da população cresceu e chega a US\$ 176,4 bilhões.

Cinco bilionários brasileiros concentram o equivalente à metade da população mais pobre do país.

Para se ter ideia, um brasi-

leiro que ganha um salário mínimo por mês (R\$ 998,00) precisaria trabalhar 19 anos para ganhar o mesmo que recebe em um mês uma pessoa enquadrada entre o 0,1% mais rico.

O relatório da Oxfam tem dados também da América Latina. Na região, o 1% mais rico possuía 40% da riqueza. Já os 2.208 bilionários do mundo aumentaram as fortunas em US\$ 2,5 bilhões por dia no ano passado. Ainda no cenário mundial, o estudo mostra que a fortuna dos ricos aumentou 12%, enquanto a metade mais pobre do planeta viu a renda ser reduzida em 11%. Os índices mostram que a política de austeridade imposta a várias nações no mundo para dar uma sobrevida ao neoliberalismo aumenta a fome, a taxa de imigração, a miséria, o desemprego e os conflitos entre as nações.



SAQUE

Rogaciano Medeiros

DIDÁTICA Sob o título *A Globo no ringue: as causas, os atores e os desdobramentos*, o artigo de Ricardo Cappelli, no site Brasil247, é uma análise coerente da conjuntura brasileira. Ele compara a convicção dos que acham que Bolsonaro cai logo com os que afirmavam: “Temer não dura seis meses”. Também lembra que a briga com a família Marinho é por publicidade, portanto pode haver um acordo para evitar mais desgaste.

REALIDADE É preciso não esquecer que a Globo foi decisiva na ruptura institucional de 2016. É responsável pelo Estado de exceção que o país vive. Ajudou e tem ajudado no desmonte do Estado brasileiro e nas violações ao Estado democrático de direito. Bolsonaro é resultado da narrativa imposta pela emissora, que tinha preferência por Alckmin, mas abraçou o capitão para derrotar a democracia. A briga é pela partilha do golpe.

NOCIVOS Sem dúvida alguma, a briga de Bolsonaro com a Globo não passa de um cisma no interior das forças que deram o golpe jurídico-parlamentar-midiático de 2016. Serve para mostrar à sociedade a podridão que infecta os dois lados. São altamente nocivos à democracia e à soberania popular. Têm ojeriza ao povo e reproduzem a obra da escravidão.

LIDERANÇA Com Lula preso, a resistência democrática precisa urgentemente de uma liderança que a represente no Brasil e, acima de tudo, internacionalmente. Há uma preocupação no mundo, em particular na Europa, que viveu o pesadelo do fascismo e do nazismo, com o recrudescimento do totalitarismo no Brasil com Bolsonaro. Reuniões como a de Haddad com Felipe Gonzáles e Luis Zapatero, na Espanha, são importantíssimas.

SINTOMÁTICO Bastou Bolsonaro viajar para Davos e o embaixador da Alemanha no país, Georg Witschel, se reuniu com o presidente em exercício, Hamilton Mourão. Nada demais se os assuntos principais não fossem direitos humanos e meio ambiente. O diplomata alemão chegou a dizer que a imagem do Brasil no exterior não é boa e que teme uma deterioração.

No Brasil, os direitos humanos estão sob forte ameaça. Risco

O BRASIL volta a afundar em algumas estatísticas preocupantes. Pobreza, fome, violência são alguns dos problemas que cresceram. A 29ª edição do relatório da HRW (Human Rights Watch), que avalia a situação dos

direitos humanos em 90 países, aponta uma série de destaques negativos no último ano.

O relatório anual aponta que só em São Paulo foram registrados cerca de 64 mil homicídios em 2017. O dado mostra ainda que mais de um milhão de casos de violência contra as mulheres estavam pendentes de julgamento nos tribunais.

A população carcerária aumentou. Em 2017, eram 726 mil. No ano passado, saltou para 842 mil. O Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China.



Brasil tem hoje 842 mil detentos